

## NAS ENTRELINHAS DA HISTÓRIA: REPRESENTAÇÕES SOBRE MULHERES NO ROMANCE DE FRANCISCO GALVÃO

## IN THE LINES OF HISTORY: REPRESENTATIONS ABOUT WOMEN IN THE ROMANCE OF FRANCISCO GALVÃO

Neila Braga Monteiro<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo discute a representação feminina no romance social *Terra de ninguém*, do escritor Francisco Galvão. Justificamos a escolha do romance por elucidar a temática de gênero no cenário amazônico, principalmente nos seringais do Amazonas, espaço majoritariamente ocupado por homens. Como fundamentação teórica, nos apoiaremos em Rago (1997), Chartier (1990) e Cândido (2006). Como método de pesquisa, seletamos as evidências de representação das mulheres, incluindo posição, comportamento e cotidiano. Interpretamos as informações para compreender as personagens, assim como os possíveis diálogos entre história e literatura. Verificamos que, as manifestações femininas na obra *Terra de ninguém* ocorreram de forma relevante, principalmente por demonstrar como as mulheres viviam e sobreviviam em seringais, e como elas se conduziam de acordo com os episódios vivenciados, cooperando assim, com os estudos das mulheres na Amazônia, que por muito tempo estiveram às margens da história.

**PALAVRAS- CHAVE:** História; Literatura; Representação sobre mulheres.

### ABSTRACT

This article discusses the female representation in the social novel “Terra de nobody”, by the writer Francisco Galvão. We justify the choice of the novel by elucidating the gender theme in the Amazonian scenario, especially in the rubber plantations of Amazonas, a space mostly occupied by men. As a theoretical basis, we will rely on Rago (1997), Chartier (1990) and Cândido (2006). As a research method, we selected the evidence of female representation, including position, behavior and daily life. We interpret the information to understand the feminine, as well as the possible dialogues between history and literature. We found that the female manifestations in the work *Terra de Nobody* occurred in a relevant way, mainly by demonstrating how women lived and survived in rubber plantations, and how they conducted themselves according to the episodes experienced, thus cooperating with the studies of women in the Amazon, that for a long time are on the margins of history.

**KEYWORDS:** History; Literature; Representation about women.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Federal Do Amazonas (UFAM). Pós-graduada em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia. Graduada em Letras-Língua portuguesa pela Universidade Do Estado Do Amazonas. E-mail: [neilabmonteiro@gmail.com](mailto:neilabmonteiro@gmail.com).

## 1 PALAVRAS INICIAIS

A historiografia contemporânea passou por diversas modificações, entre elas, a remodelação nas abordagens, metodologias, ampliação e tratamento de fontes. Nesse contexto, também houve a inserção dos estudos direcionados às mulheres, que vem evidenciando não apenas momentos singulares da presença das mulheres nos acontecimentos históricos, mas também uma ampliação do próprio discurso historiográfico, que até então, era direcionado às práticas coletivas e às ações masculinas. Em vista disso, diversos pesquisadores passaram a investigar a presença das mulheres na vida social<sup>2</sup>

Com o decorrer destas pesquisas históricas, notamos significativas mudanças na vida da mulher, desabrochando assim, toda uma apreensão em identificar acontecimentos econômicos e sociais vinculados ao cotidiano das mulheres, ocorrências que se diversificavam de acordo com a localidade e o tempo ambientado. Essas transformações podem ser percebidas na literatura brasileira, que muitas vezes se utilizava do momento vivenciado para abordar eventos relevantes.

Considerando que a literatura passou a ser utilizada como artefato para a pesquisa histórica desde a década de 1970<sup>3</sup>, objetivei com esta pesquisa, demonstrar algumas conexões entre a História e a Literatura, que conseqüentemente pode ser articulada e utilizada como suporte para os trabalhos historiográficos e literários.

O propósito inicial desta pesquisa é a interpretação dos aspectos históricos correlacionados à representação da figura feminina na literatura amazonense, verificando as possibilidades de diálogo entre a romance social (ficção) e a historiografia, tomando como objeto de pesquisa as personagens femininas de *Terra de Ninguém*, elaborada pelo romancista Francisco Galvão.

Selecionamos, portanto, o conceito de *representação* em Chartier<sup>4</sup> encontrado na obra *A história cultural*, sendo “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é”. Segundo o filósofo, contos e obras literárias funcionam como representações de um mundo possível, um portal para um universo das fontes ainda não alcançadas. Assim, a literatura acaba se tornando produto das relações entre o autor e a sociedade<sup>5</sup>. Diante do exposto, os

<sup>2</sup> Ver RAGO, Margareth. *As mulheres na historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. João Lopes da Cunha, 1997.

<sup>3</sup> BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2ª edição revista e ampliada Tradução: Sérgio de Paula. 2004. p. 43.

<sup>4</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre prática e representações: Memória e sociedade*. Rio de Janeiro, 1990. P. 17-20.

<sup>5</sup> Ver CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária*. RJ: Editora Ouro sobre o Azul, 9ª Edição, Rio de Janeiro, 2006.

escritos literários podem exercer uma atribuição ideológica, filosófica, política e humanista, profundamente pertinente na constituição das perspectivas históricas propagadas no passado e enraizadas no presente.

Diante dessa perspectiva, procurei investigar dentro do romance elementos basilares que permitiram fazer uma relação com acontecimentos históricos. Em sequência, procurei decifrar os vestígios deixados na obra sobre as condições e a representação feminina e, por conseguinte, comparei com eventos históricos expostos pela historiografia circundante me atentando a linha temporal que perpassa a narrativa e a que o autor pertinente estavam inseridos, em outras palavras, o tempo da ambientação da respectiva obra e o tempo vivenciado pelo autor.

Para tanto, dividimos esse artigo em dois tópicos. No primeiro, faremos uma breve exposição sobre o autor, a obra e seu relacionamento com o romance engajado. Corrente que utilizou grupos ligados aos movimentos sociais para transcender suas ideias. No segundo tópico, abordaremos de forma sistemática o romance e suas abordagens relacionadas à representação feminina, destacando suas posições em um ambiente hostil e brutal.

## 2 FRANCISCO GALVÃO: O ROMANCE ENGAJADO

Francisco Xavier Galvão nasceu em 1906, no município amazonense de Manicoré. Filho do Cel. Domingos Hermilo Galvão e Maria Cabral de Vasconcelos Galvão. Estudou em Manaus no Colégio Pedro II. Em 1922., Foi deputado estadual pelo Amazonas em duas legislaturas e, à época da revolução de 1930, viajou para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito e escreveu em diversos órgãos da imprensa. Lá publicou, em 1934, *Terra de Ninguém*<sup>6</sup>. Assim, o romancista produz um romance de apresentação, traçada com contornos autobiográficos na formação do personagem Anatólio. Nessa contextura, José Almerindo Rosa, em sua crítica no prefácio da obra *Terra de ninguém* (2002) realça:

Apesar de pouca informação conseguida, percebemos que existem traços autobiográficos na criação do personagem Anatólio (...). No segundo capítulo de terra de ninguém, este rememora: “O quintal enorme da casa onde nasci, com goiabeiras verdes e os sapotizeiros cheirosos, carregados de frutos. Era, ali, que eu brincava de batalhão com os curumins, e fazia os meus primeiros exercícios poéticos”. (GALVÃO, 2002, p. 29-30)

O plano político e econômico Brasileiro na década de 30, almejava apartar o prenúncio

---

<sup>6</sup> Ver LINS, José dos Santos. *Seleção Literária do Amazonas*. Manaus: Ed. Governo do Estado do Amazonas, 1966.

do comunismo estimulado, principalmente, pela recente Revolução Socialista Russa de 1917<sup>7</sup>. Este processo social permeava consideravelmente algumas obras de literatura, e acabava por exigir que os autores se posicionassem em defesa da causa socialista.

O cientista social Rossi<sup>8</sup>, em sua análise *As Cores da Revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30* demonstra como o escritor Jorge Amado, em suas específicas obras, *O país do Carnaval* (1931), *Cacau* (1993), *Suor* (1934), abordava a chamada “literatura engajada”<sup>9</sup> em tempo presente da militância comunista, e “romance proletário”<sup>10</sup>. Nesse bojo, o historiador Boris Fausto ressalta:

De Trinta até o segundo pós-guerra, a prosa do resto do Brasil falou pela boca do realismo crítico e social (...) falou pela boca de Graciliano, de José Lins do Rego, de Marques Rebelo, de Octavio de Faria, de Lúcio Cardoso, de Érico Veríssimo, de Jorge Amado, de Cornélio Pena, de Cyro dos Anjos, de Dionélio Machado. (FAUSTO, 1997, p. 345)

Diante das perspectivas da realidade do trabalho no Brasil, os escritores empreenderam em suas obras, a expressão da classe trabalhadora, abordando, os dilemas e os interesses dos oprimidos. Ademais, “travestido” de trabalhador, o intelectual poderia transmitir nas suas obras, de modo mais “verdadeiro”, as experiências adquiridas com o mundo do trabalho. Como é apontado por Vieira e Silva (2012, p. 303) “Discutiria, com a força dos documentos, a exploração a que o trabalhador era submetido: parcos salários, condições precárias, carências de moradias, moléstias, em suma, extrema miséria”.

Segundo a crítica de Almerindo, ainda no prefácio de *Terra de ninguém* (2002) Francisco Galvão foi conduzido pelo fervor das ideias políticas e pelas veredas que seguiam a literatura do país nos anos 30, década que até então, havia sido a mais produtiva do romance social brasileiro. Nesse sentido ainda ressalta:

Provavelmente *Terra de ninguém* foi escrito na década de 30, quando o autor desiludido com a política de sua terra, muda-se para o Rio de Janeiro. Por este tempo, a capital do Brasil fervia com as ideias socialistas que produziram a Intentona Comunista de 1935, como registra a História oficial do país. (GALVÃO, 2002, p. 46).

<sup>7</sup> A Revolução Russa foi um processo que se iniciou em fevereiro de 1917 com a abdicação do Czar Nicolau II, a instalação de um governo provisório, de caráter liberal, e que se intensificou em outubro do mesmo ano com a tomada do poder pelo partido Bolchevique de Vladimir Ilyich Ulyanov (Lenin), de cunho socialista. Inspirados nos escritos de Karl Marx e Friedrich Engels, os bolcheviques fundaram o primeiro Estado Socialista do mundo, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. (SERVICE, 2016)

<sup>8</sup> ROSSI, Luís Gustavo Freitas. *As cores da revolução: A literatura de Jorge Amado nos anos 30*. São Paulo: Unicamp, 2009.

<sup>9</sup> Ver FIGURELLI, Roberto. *Sartre e a literatura engajada*. Letras. Curitiba. UFPR. 1987.

<sup>10</sup> Além de evidenciar as massas, o romance só poderá ser proletário se tiver “ar de revolta”, se as totalidades nele destacadas estiverem propensas a fazer revolução. Isso representa um engajamento direto, adicionado ao próprio enredo. Assim, descrever as dificuldades coletivas não é elaborar um romance proletário, é necessário haver uma rebeldia para arquitetar a revolução (CAMARGO, 2001).

O romance social “*Terra de ninguém*” se descortina no Seringal Remanso. Anatólio é um dos protagonistas da obra e, também, o narrador. Por trás da luta de seus protagonistas, está a luta pelo socialismo, provenientes das transformações históricas ocorridas no Brasil e no mundo. Essas ideias são representadas principalmente por dois personagens: Nadesca, filha de Manuel Lobo, dono do seringal no rio Madeira; e Anatólio, seringueiro, neste mesmo local.

### 3 A MULHER NO ROMANCE TERRA DE NINGUÉM

*Terra de ninguém*, de Francisco Galvão, se apresenta alicerçado nas representações sociais<sup>11</sup> sobre a Amazônia, a partir das conjunturas de existência da vida no Seringal articuladas ao contexto histórico da época. A primeira representação sobre mulheres presentes no romance se desvenda através da narração de Anatólio, com relação a sua mãe e sua parteira no dia do seu nascimento.

Minha mãe, pálida, na cama, tinha-me ao lado como a um Deus. O velho ia e vinha, traduzindo o seu contentamento. (...) alguém que lhe continuasse a linhagem flamenga, lembrando-lhe o avo, íntimo de Nassau, que se batera como um bravo, nas praias de Olinda, pela glória da bandeira holandesa. (GALVÃO, 2002, p. 55)

Anatólio, com riqueza de detalhes, narra o seu nascimento e o contentamento de sua mãe. A maternidade é algo verdadeiro e complexo para as mulheres, segundo a historiadora Michelle Perrot<sup>12</sup>, passa a ser uma fonte de identidade, não é um momento é um estado, pois permanece pelo resto da vida de uma mulher. Como uma função materna, é o pilar da sociedade, acaba por ser tornar um fato social. Por conseguinte, menciona sua parteira e como sucedeu seu nascimento: “(...) nasci moreno, e inquietara a todos por haver levado meia hora sem dar um sinal de vida, enquanto Dona Adelaide, confusa, aplicava os meios da sua ginecologia de aldeia, esperando com atanasamento, o meu choro. (GALVÃO, 2002, p. 55)”

Assim, Dona Adelaide surge como uma personificação das parteiras no interior do Amazonas. Seu ofício era costumeiro nos interiores e, por muito tempo, eram uma das opções mais acessíveis de assistência à saúde. Assim, eram (e ainda são) reconhecidas como verdadeiras médicas, principalmente por serem detentoras de um conhecimento informal indicado a substituir os conhecimentos médicos em locais de difícil acesso, e também por carregarem uma

<sup>11</sup> É uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo um objetivo prático e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, 1994, P. 36).

<sup>12</sup> PERROT, Michelle. O corpo feminino em Debate. Vários autores. organizadores Maria Izilda Santos de Matos, Rachel Soihet. - São Paulo: Editora UNESP 2003.

gama de experiências direcionadas a seus pares em comunidade.<sup>13</sup>

No decorrer da narrativa, surge o descontentamento do seringueiro Zé Vicente Seus dissabores eram centralizados nas saudades, e nas lembranças de sua noiva Maria do Rosário, com quem não podia se casar, devido ao impedimento de mulheres no Seringal Remanso.

Mas, por mais que quisesse disfarçar, o pensamento corria célere para a noiva, as mãos unidas sobre o peito, a coroa de flores de laranjeira, na frente, vestida para a grande viagem, como a mãe lhe dizia no fim da carta- falando sempre em você, até as últimas, quando, segurando o crucifixo de madeira, nada mais disse (GALVÃO, 2002, p. 86).

A proibição de mulheres nos barracões<sup>14</sup> dos seringais era habitual e, devido a isso, os seringueiros experimentaram uma extensa solidão. Como destaca a historiadora e pesquisadora Barbara Weinstein (1993, p. 42) “O grau de isolamento variava, contudo de um lugar para outro, sendo pior no oeste da Amazônia, escassamente povoado, que parece ter atraído seringueiros solteiros e solitários”. Como é acentuado:

(...) Mas o que mais nos inquietava era o problema sexual, de vez que Manuel Lobo não consentia rabo-de-saia nas barracas. As raras existentes lembravam megatérios pelo tempo, ou eram vistas sempre nas margens dos rios, distantes, auxiliando as roças dos pescadores. (Galvão, 2002, p. 90)

O escritor Álvaro Maia, também destaca que, a supressão de mulheres no seringal, fez com que os seringueiros recorressem a prostitutas, buscando nelas preencher toda ausência que uma mulher poderia despertar. Deste modo, surgiu o mercado de mulheres na selva, que se tornou uma prática corriqueira<sup>15</sup>, “(...) era de ver-se aos domingos a caça a fêmea. O seringueiro partia os cadeados das canoas e descia o rio até Humaitá, onde nos subúrbios amavam doidamente fúfias<sup>16</sup> aratas, cabeleireiras negras cheirando a patchuli<sup>17</sup> (GALVÃO, 2002, p. 90).”

Com a escassez das mulheres nos barracões, além de recorrer a prostitutas, os seringueiros cometiam atrocidades com as raras mulheres que ali se encontravam. Nesse quesito, se destaca o caso do personagem já citado Zé Vicente, que deflorou a moça Felica de dezesseis anos.

<sup>13</sup> Ver SANTOS, Luciana Guimarães. “*A arte de Partejar*”: Das parteiras tradicionais à medicalização do parto no Amazonas (1970-2000). Universidade Federal do Amazonas. Programa de pós-graduação em História. Mestrado em História. 2016.

<sup>14</sup>Ver MORG, Antônio Emilio; LAGE, Mônica Maria Lopes. *Mulheres nos Seringais do Amazonas: sociabilidade e cotidiano*. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 6, n. 1 – 104. jan. / jul. 2015.

<sup>15</sup> MAIA, Álvaro. *Banco de canoa—cenas de rios e seringais do Amazonas*. 2. ed.. Manaus: EDUA, 1997. p. 93.

<sup>16</sup> Mulher sem méritos, sem juízo.

<sup>17</sup> O patchuli é uma planta abundante principalmente em Sumatra e em Java, mas também no norte e nordeste do Brasil, onde é cultivada principalmente no Maranhão e Pará e é chamada de Oriza.

De um salto, como um felino, subjugou-lhe os movimentos. A libido explodira e dominara o seu recato. Felica gritava forte, mas ninguém ouvia pela distância. (...) Depois, não se conteve e ali mesmo no intrincado da floresta, demonstrou a sua superioridade sexual, violando-a sem mais preocupações, como um fauno (GALVÃO, 2002, p. 125).

Os crimes intensos nos seringais do Amazonas ocorriam com bastante frequência, pois a maioria dos casos que começavam com paixões exorbitantes, era finalizada com defloramentos e tragédias. Assim, o seringal criava seu próprio código, sem justiça e sem lei, como é demonstrado no caso de Zé Vicente e Felica.

Depois do crime do cantador, resolvera viver com ele. Os seios, maiores, mexiam sob o vestido de chita, sem mais pano. (...) ninguém quis ver se a justiça puniria o assalto a honra, era pobre e, contra os que nada possuem a lei não se interessa. Honra de pobre não vale nada. (...) - Pra que se gastar justiça com essa gente? é o que dizem nas varas quando a mãe de um operário vai procurar vingar a luxúria do rapaz que lhe desvirgina a filha. (GALVÃO, 2002, p. 136)

Outra representação sobre mulheres na obra de Galvão é Nadesca, senhorinha que passara anos estudando no Rio de Janeiro, em companhia de seu irmão Wagner. Nadesca surge pela primeira vez na narrativa nas lembranças e no imaginário do seringalista Manuel Lobo<sup>18</sup>, seu pai.

Manuel Lobo começou, por analogia, a comparar aquele amplexo de águas consorciadas formando a laguna, com a adolescência da filha: a mesma impetuosidade de movimentos, a mesmíssima vitória da Natureza, no capricho com que lhe abrira os sentidos, despertando-lhe os desejos adormecidos. (GALVÃO, 2002, p. 99)

A chegada de Nadesca e seu irmão ocasionou grande deleite e emoção a seus familiares. Nesse cenário, a obra acaba por narrar singelamente a procura da moça pela negra Minervina, sua ama de meninice: “E a minervina? quero beija-lá muito e muito - disse Nadesca. Como a vida é diferente das suas histórias” (GALVÃO, 2002, p. 102). Neste panorama, as amas de leite surgem como civilizadoras estimadas e admiradas aos olhos das crianças. O trecho evidencia uma personagem que foi bastante silenciada na história do Brasil, a mãe preta. As negras que ocupavam espaços dentro da casa grande para cuidar dos filhos dos brancos acabavam se tornando mãe, pois amamentavam, davam banho, colocavam para dormir e contavam histórias. Nesse contexto, a antropóloga Lélia Gonzales (1984) destaca que, por cuidar, ensinar as primeiras palavras e contar as histórias, a negra se tornava uma figura importante para a vida da criança,

---

<sup>18</sup> Há documentação retratando Manoel Lobo como uma das figuras mais influentes da região, e um aliado político da família Monteiro, uma das mais poderosas de Humaitá. Os seringais e castanhais pertencentes a Manoel de Sousa Lobo, proprietário fundador do lugar Três Casas e um dos mais abonados seringalistas do rio Madeira, datam das primeiras décadas do século XX. (LEAL, 2013. P. 172-173).

pois a branca somente colocava seus filhos no mundo, em outras palavras, sintetizou que a mãe preta acabava se tornando a verdadeira mãe.<sup>19</sup>

Com o desdobrar da narrativa, a personagem Nadesca demonstra suas vertentes socialistas, especificamente em seu primeiro diálogo com Anatólio, após seu pai discorrer acerca do seu abandono dos estudos e a incorporação da peleja na vida do rapaz.

- O senhor gosta de ler ?
- Quando me cai as mãos algum romance. Leitura simples da roça
- Eu também aprecio muito a leitura. Amo os livros modernos sobre as novas doutrinas sociais da Rússia. Constrói-se uma pátria sadia a forte. Não há o preconceito egoísta de classes.
- País perdido o nosso. (GALVÃO, 2002, P. 106)

Nesse enquadramento, constatamos o teor político socialista em expansão nas condutas de Nadesca, notadamente nos debates com seu irmão Wagner:

- A revolução vem aplainando terreno. Já existem leis sociais interessantes providenciando sobre garantia dos operários. É verdade que o capitalismo fez as suas manobras asfixiando em algumas conquistas como a lei de férias e das oito horas.
- O teu socialismo é um blague.
- Muito ao contrario de que você pensa, meu irmão, cada vez mais me persuado de que ele será a salvação política do regime (GALVÃO, 2002, P. 106).

Nesse contexto, conforme a historiografia, as primeiras décadas do século XX foram estabelecidas como o período das revoluções, e com a proximidade da Revolução Russa, as coisas se intensificaram. Assim, em outubro de 1917 ressoou por todos os prismas do mundo como um movimento de rebelião do trabalho. Entre os anos de 1917 e 1922, os reflexos do movimento comunista internacional retumbaram inclusive no Brasil, onde o proletariado fabril emergiu para o cenário nacional com a formação do Partido Comunista do Brasil - PCB (1922)<sup>20</sup>. Com esses aspectos de revolucionária, Nadesca afirmava:

O governo não ajuda a esse pai de família obscuro na educação da prole, nem no seu sustento. Nem sabe mesmo, se existe por aí João Calafate, a não ser nas eleições quando, ele, ingênuo, vota com a chapa que lhe entregam. Não se lembra que estas crianças serão os homens de amanhã. Como estamos atrasados! A Rússia mantém várias creches abrigando seis milhões de crianças<sup>21</sup>. Há uma destas instalada no antigo

<sup>19</sup> Ver GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

<sup>20</sup> Ver BUGIATO, Caio Martins. *O impacto da revolução Russa e a fundação do partido comunista no Brasil*. Campinas. São Paulo. 2008.

<sup>21</sup> O propósito das creches era proporcionar auxílio as crianças, estimulando o bom desenvolvimento e sua educação integral. Com a Revolução de outubro de 1917 o Estado arcou com a educação das crianças desde seu nascimento, estabelecendo o conceito de uma educação pré-escolar pública e gratuita. Os projetos de intelectuais russos, como



palácio de Moscou, onde reinava antigamente a nobreza russa, em que as crianças saltam, brincam, passeiam e estudam por conta do Estado. (GALVÃO, 2009, p. 108)

Com o percorrer da narrativa, notamos que o ideal socialista de Nadesca, se utiliza de um fio condutor que contesta a condição da mulher, e a igualdade social na sociedade. Frente a essa conjuntura, Manuel Lobo passa a desejar o casamento da filha com o Dr. Monteiro, promotor de Humaitá, pois este estava interessado em desposá-la. Já Nadesca discursa em seu favor, abrindo mão da ordem familiar:

Não penso que o casamento seja a felicidade, e que seja este, em verdade, o único fim para que vivemos. Odeio os presídios; venham eles com as grades de ouro. Nada como a liberdade. (...) Mas não desejo me casar. Nada que me escravize eternamente; nada que me tolha a liberdade. Suportar um homem toda a existência é o que não faço (GALVÃO, 2002, p. 133-134).

Para as mulheres das classes abastadas, a única porta aberta para uma vida respeitável era a do casamento, era com esse propósito que as mulheres da elite eram educadas e também moderadas. Conforme a historiadora Soihet (2000, p. 367) “Entre as famílias ricas e burguesas o casamento era uma aliança política e econômica, e única via legítima de união entre homens e mulheres”. Desse discurso sobre o casamento, Nadesca levanta a questão do feminismo:

Nesse ponto, aliás, anda bem atrasado o Brasil. O feminismo avança, é certo, mas nas posições, na caça aos empregos. Os assuntos sociais como o divórcio e outros não são discutidos porque assim o quer a religião. As reivindicações mínimas da mulher brasileira não cogitam desse problema, inquietante, que está a afligir os lares. Homens e mulheres infelizes, que não se compreenderam e que se enganam mutuamente, com receio da sorte dos filhos, vendo que estão ligados àquele martírio para toda a vida (GALVÃO, 2002, p. 134).

Algumas correntes do feminismo, principalmente na década de 1930, apresentaram uma forte associação aos processos comunistas. Conforme a ativista Maria Amélia<sup>22</sup>, a União Feminista nasceu em 1934, como parte participativa da Aliança Nacional Libertadora (ANL), um movimento organizado em 1935, sob o comando dos comunistas com a finalidade de derrubar o governo de Vargas e estabelecer um governo popular. Suas maiores adeptas eram intelectuais<sup>23</sup> e operárias.

---

Krupskaia, Vigotski, dentre outros colaboraram positivamente para a instituição de um sistema educacional voltado as crianças pequenas (VOLOBUEBA, 2014).

<sup>22</sup> Ver TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

<sup>23</sup> Entre os intelectuais se destacam, a escritora Raquel de Queiroz que exerceu uma militância política precoce. Já publicara *O Quinze*, seu primeiro romance, quando se filiou ao Partido Comunista, em 1931, aos 20 anos. VIEIRA, Denise Adélia Vieira; SILVA, Terezinha Zimbrão Da. *O comunismo nas letras Brasileiras*. Portal de revistas - línguas e literatura. Minas Gerais. 2010.

Ainda discutindo com seu pai, Nadesca continua demonstrando resistência, mas dessa vez, exhibe seu pensamento direcionado a igreja: “O senhor não se engane. Assim como escraviza eternamente estes trabalhadores, a igreja domina as consciências. O confessionário presta os mesmos serviços que a inquisição”. (GALVÃO 2002, p. 134).

A posição da igreja voltada à mulher era algo influente e autêntico. Nela ficava transparente, a restrição da mulher no seio do lar, com todas as exigências que lhes eram impostas. Segundo a socióloga Heloisa Lara<sup>24</sup>, a família seguia o padrão hierarquizado; a autoridade do progenitor, o homem como chefe e provedor, a mulher submissa, pura e fiel, e os filhos obedientes. E a virgem Maria, acabava por transformar em um exemplo de castidade.

A narrativa prossegue destacando os discursos de Nadesca. Desta vez, se fundamenta em um episódio envolvendo seringueiros e índios parintintins<sup>25</sup>, os mesmos atacaram o Seringal Remanso para resgatar um menino índio capturado, mas criado com muito zelo por uma senhora habitante do local. No ofensivo ataque, os índios ocasionaram muitas mortes, entre elas a de Dica, mãe de criação do indiozinho.

Dona Rosa comentava o ocorrido com sua filha, expelindo repulsa e revolta, os conceituando como malvados e desumanos. Contudo, Nadesca profere;

Não diga isso, minha mãe. Eles sabem o que fazem. A senhora queria que lhe roubassem os filhos? Da mesma forma, eles. São da mesma maneira que nós. -Tudo lhes tiram. Primeiro, a terra, de que se apossaram os civilizados. Não contentes ainda, se encontram, matam-nos como animais. E não querem reação. E não admitem que eles se defendam. (GALVÃO, 2002, p.138)

Após essas explícitas manifestações humanitárias de Nadesca, o Socialismo começa a ser evidenciado no personagem Anatólio, e também, exteriorizadas nos pensamentos românticos com relação à senhorinha:

Fui começando a notar que Nadesca se interessava pela minha sorte. (...) mostrava-me a necessidade de terminar meus estudos, de melhorar meu ordenado. Dava-me para ler os livros russos, com traduções berrantemente vermelhas. Tinha-me ao par da luta de Trotski contra Stalin. Sempre que nos reuníamos, mostrava-me vivamente o seu interesse para que eu reagisse contra o meio e não desfalecesse no ambiente em que vivia (GALVÃO, 2002, p. 133).

---

<sup>24</sup> COSTA. Heloisa Lara Campos Da. *As mulheres e o poder na Amazônia*. Manaus. Edua. Universidade Federal do Amazonas. 2005. p. 199-120.

<sup>25</sup> Os índios parintintins habitavam numa área demarcada ao norte pelo rio madeira, o que coincide com a localização de grandes seringais; como Paraíso, Três casas e Pádua, além do Mirari e Calama. Desta forma, sabendo que a área habitada pelos parintintins eram ricas em borracha de boa qualidade, os exploradores se tornavam motivadores de diversos conflitos, o que acabava por gerar confronto com os próprios seringueiros que entravam naqueles rios (LEAL, 2013).

Que passa a estender-se em sua primeira conversa com Doutor Frederico:

- Então, é certo que abandonou os estudos? porque não os reinicia ?
  - Apenas porque detesto os títulos de qualquer natureza.
  - O Brasil errado, Brasil perdido, Brasil sem concerto...
  - O senhor é comunista?
  - Por pesquisar a verdade sobre os problemas sociais, será preciso ser comunista?
- (GALVÃO, 2002, p.158)

Com o transcorrer da narrativa, o personagem Anatólio prossegue com seus pensamentos em Nadesca: “Somente agora começara a ver a diferença entre mim e Nadesca. Ela burguesa, embora com pendores socialistas, bem avançados e eu de outra classe.” (GALVÃO, 2002, p. 143).

Enquanto isso, a narrativa para seu irmão Wagner;

Inevitável, o que se dera. Wagner resolvera se jogar aos amores de Felica, mais próximo, e sem dúvida, mais fácil. Dera em visitar frequentemente a cabocla, que vinha sendo pressentindo pelo Amásio, disposto a tomar uma vingança. (...) Amarrou Wagner, que com o pavor embranquecera ao oitão da casa, e chamou a mulher, apavorada, como se nada acontecesse:

- Vai amolar esta faca na pedra.

Obedeceu, os olhos vermelhos ignorando o destino de ambos. Pronto Felica: pega agora um pouco de cinza da trempe e traz aqui.

A mulher obedeceu.

- Agora tu mesma, capa o safado. Depois eu sangro. Somente assim; nunca mais há de brincar com o nordestino. (Galvão, 2002, p. 149- 150)

A Historiadora Cristina Wolff<sup>26</sup> nos aponta que existiam casos como esses, em que a violência era protagonizada pelo “roubo de mulher”, ou seja, a violência estava sendo cometida pelo possessor da mulher roubada. Desta maneira, ser homem era ser “seringueiro”, render bastante borracha, ser resistente, destemido e até violento, em ocasião da sua "honra". Ser mulher era "pertencer" a um homem, progenitor, cônjuge ou parceiro. Este concernente podia ser permeado por escambo, oferta ou mesmo por um "roubo".

Com o perpassar do enredo, o romance se volta para Anatólio e Nadesca, e realça a união dos protagonistas. De início, é apresentado como mais um encontro entre os dois sob a copa da castanheira, mas se desloca para um diálogo sobre matrimônio, “entregar-me-ei ao homem que admire. A mulher tem que cumprir o seu destino. Nascemos para o amor. E eu penso que devemos procurá-lo sem ser por intermédio do casamento.” (GALVÃO, 2002, p. 153). Assim, durante as conversas, Anatólio e Nadesca se envolvem e se enlaçam e se entregam as suas sinas,

---

<sup>26</sup> WOLFF, Cristina Scheib. *Relações de gênero e violência nos seringais do Alto Juruá– Acre (1870-1945)*. Revista De Ciências Humanas. Florianópolis. V 15. 1997 p. 97- 98.

sem se preocupar com as futuras consequências, com efeito, a gravidez de Nadesca.

A princípio dona Rosa andou a se impressionar com os vômitos da filha, o quebrando em que se ficava horas inteiras. Remédios de Humaitá não davam jeito. Telegrafou pedindo recursos médicos urgentes.

- Minervina veio esclarecer tudo (...) Não tenha mais dúvidas, o que ela tem é gravidez. (GALVÃO, 2002, p. 165)

O seringalista e pai de Nadesca, quando soube do ocorrido, mandou o personagem Anatólio para o tronco<sup>27</sup>. “Não ficaria impune o malvado que lhe roubara o melhor tesouro. Desvelara-se pela educação de Nadesca. Que de sacrifícios não fizera para mantê-la noutra ambiente onde aprendesse alguma coisa!” (GALVÃO, 2002, p. 167). No âmbito seringalista, pertenciam ao homem a obrigação de evitar a desonra da parentela, defendiam sob suas vertentes e sob sua tutoria todas as suas mulheres - mães, esposas, filhas, irmãs ou amantes, pois tal defesa estava associada a própria honra masculina que, por um lado, protege de violências de outros homens, e por outro, controla os corpos e sexualidades das mulheres de seu grupo familiar, e caso a desgraça viesse a acontecer, só restava vingar a honra com sangue.

Nesse ambiente da narrativa, a personagem Nadesca “mostrara ao seu carrancismo que o amor não tinha barreiras, e desconhecia o limite de castas. Amara e se unira de alma e corpo aquele que lhe despertara aos instintos” (GALVÃO, 2002, p. 167). Segundo o pesquisador Emilio Morga<sup>28</sup>, no entretenimento entre o sagrado e o profano, em combates íntimos, a mulher não reverencia a zombaria alheia, se utilizava dos sentimentos e do amor como um alívio para a alma. Após o pesaroso episódio, Nadesca se articula ao seringueiro Capitulino<sup>29</sup>, se agregando à aglomeração de operários que prosseguia contra o seringalista Manuel Lobo, gritando palavras de ordem em prol da causa revolucionária.

- Capitulino à frente dava ordens

Contra os opressores, - pelos que sofrem.

- Encurralemos a fera! Partiam gritos da massa anônima .

Nadesca confundida com a multidão comungando de seus ideais marchava com a avalanche. Percebendo o que conjeturara o pai a meu respeito, tomara aquela atitude suprema.

- Abaixo a tirania! Abaixo a perversidade! Pelos fracos e oprimidos. Avante! (...) (GALVÃO, 2002, p.171)

<sup>27</sup> O seringalista fazia uso do mesmo processo utilizado contra os escravos - prendia os trabalhadores no “tronco” e os torturava. Se se considerava ofendido, mandava eliminar o ofensor; sua vontade era lei, o magistrado civil ou a autoridade militar não agiam no seringal. (CARDOSO, 1997, p. 322).

<sup>28</sup> MORGA, Antônio Emilio. *Nos subúrbios do desejo: Masculinidade e sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no século XIX*. Manaus: Edua, 2009.

<sup>29</sup> Capitulino era o personagem vindo do Sul, com prolegômenos de sindicato e direitos trabalhistas.

O personagem Anatólio não compreendia o que via, “aquela mulher extraordinária sacrificara-se pelo meu amor e pelo meu ideal, avançava disposta a destruir sua propriedade”. (GALVÃO, 2002, p. 172). Por conseguinte, o seringalista Manuel Lobo surge na sacada, e ao ver sua filha, exclama;

Cadela, por causa desse cachorro, tem coragem de se armar contra os pais! (...) -correu para a cozinha e ia deitar querosene na casa, para que a propriedade não fosse parar nas mãos dos trabalhadores, quando uma bala certa prostrou-o por terra. (...) O “Remanso” está entregue aos poderes discricionários da multidão. (GALVÃO, 2002, p. 172)

O desenlace dessa manifestação no seringal remanso custou à vida de Manuel Lobo e o aborto espontâneo da personagem revolucionária Nadesca. Segundo o crítico Almerindo (2002), as ideias socialistas, casamento, educação, eram pensamentos que percutiam no intelecto do romancista social Francisco Galvão. No entanto, notou-se que a narrativa aborda fatos memoráveis, como a Revolução Russa (1917) e o Tenentismo. Assim, o autor passa a memorizar, através de sua obra, ciclos marcantes para a história do Brasil.

Diante do exposto, observamos que, as representações sobre personagens mulheres iam se ajustando de acordo com os eventos, apresentavam resistência e tentavam extinguir as adversidades que ali se fazia presente. Não obstante, apesar de serem minorias no romance em questão, as personagens mulheres alcançavam notoriedade, lutando, ocupando espaços dentro e fora dos barracões nos seringais amazonenses.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da fonte literária nos estudos historiográficos, proporcionou uma ampliação de fontes e um leque de possibilidades para os pesquisadores e historiadores que se debruçam sobre temáticas variadas, considerando que, por meio desses materiais o pesquisador consegue captar vestígios imprescindíveis para a construção e ampliação do conhecimento.

Nesse contexto, a incorporação da arte literária vinculada a representatividade das personagens mulheres na literatura em questão, possibilitou o aprimoramento das diversas pesquisas direcionadas ao feminino. Com o estudo do romance social *Terra de ninguém*, procurei investigar as personagens femininas tecidas pela imaginação masculina no seringal nos anos 1930, personagens que vivenciaram momentos angustiantes em ambientes repletos de hostilidade e violência.

Ao aprofundar, e interpretar as ocorrências de representação sobre mulheres no romance, observamos que, no romance em questão, as mulheres habitantes do seringal remanso, iam se modelando de acordo com os acontecimentos, apresentavam resistência e tentavam de alguma forma erradicar a hostilidade e violência que ali se encontrava..

Desta forma, com o seguimento desta pesquisa, podemos afirmar que, a arte literária pode ser utilizada de forma mais abrangente como fonte de pesquisa para o historiador, pois através do romance abordado, observamos a representatividade das mulheres e como elas se ambientavam no interior do seringal. Considerando ainda que, o autor é produto de seu tempo, certificamos que sua obra evidencia uma variedade de nuances que cria representações sobre mulheres nos ambientes dos seringais amazônicos.

## REFERÊNCIAS

BUGIATO, Caio Martins. **O impacto da revolução Russa e a fundação do partido comunista no Brasil**. Campinas. São Paulo. 2008.

BURKE. Peter. **O que é história cultural?** 2ª edição revista e ampliada Tradução: SÉRGIO GOES DE PAULA. 2004.

CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de. **Uma história do romance brasileiro de 30**. Campinas Instituto de Estudos da Linguagem. 2001.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de teoria e história literária. RJ: Editora Ouro sobre o Azul, 9ª Edição, Rio de Janeiro, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre prática e representações**: Memória e sociedade. Rio de Janeiro, 1990. P. 17-20.

COSTA. Heloisa Lara Campos da. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus. Edua. Universidade Federal do Amazonas. 2005.

FIGURELLI. Roberto. **Sartre e a literatura engajada**. Letras. Curitiba. UFPR. 1987.

GALVÃO, Francisco. **Terra de Ninguém**. Manaus: Editora Valer, [1934] 2002.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

JODELET, D. **Représentations sociales**: un domaine en expansion. 4 ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

LEAL. Davi Avelino. **Direitos e processos diferenciados de territorialização**: Os conflitos pelo uso dos recursos naturais no rio madeira. (1861-1932). Tese (Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas. 2013.

LINS, José dos Santos. **Seleção Literária do Amazonas**. Manaus: Ed. Governo do Estado do Amazonas, 1966.

MAIA, Álvaro. **Banco de canoa – cenas de rios e seringais do Amazonas**. 2. ed. rev. Manaus: EDUA, 1997.

MORGA, Antônio Emilio. **Nos subúrbios do desejo**: Masculinidade e sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no século XIX. Manaus: Edua, 2009.

MORGA, Antônio Emilio; LAGE, Mônica Maria Lopes. **Mulheres nos Seringais do Amazonas**: sociabilidade e cotidiano. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 6, n. 1– 104. jan. / jul. 2015.

PERROT, Michelle. **O corpo feminino em Debate**. Vários autores. Organizadores Maria Izilda Santos de Matos, Rachel Soihet. - São Paulo: Editora UNESP 2003.

RAGO, Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. João Lopes da Cunha, 1997.

ROSSI, Luís Gustavo Freitas. **As cores da revolução**: A literatura de Jorge Amado nos anos 30. São Paulo: Unicamp, 2009.

SANTOS, Luciana Guimarães. **“A arte de Partejar”**: Das parteiras tradicionais à medicalização do parto no Amazonas (1970-2000). Universidade Federal do Amazonas. Programa de pós-graduação em História. Mestrado em História. 2016.

SERVICE, Robert. **Camaradas**: Uma história do comunismo mundial. 4. Ed. Rio de Janeiro: Difel, 2016.

SOIHET, Rachel. “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano.” In: Del Priore, MARY (org.) & BASSANEZI, Carla (coord.). **História das mulheres no Brasil**. 3ªed. São Paulo: Contexto, 2000.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VIEIRA, Denise Adélia Vieira; SILVA, Terezinha Zimbrão da. **O comunismo nas letras Brasileiras**. Universidade de Juiz de Fora. Mg. 2012.

VOLOBUEBA, Ludmila Mirrailovna. **Cem anos dos jardins de infância na Rússia**. Artigo traduzido do russo por Magalys Fernández Pedroso, com revisão técnica de Zoia Ribeiro Prestes. Rev. Teoria e Prática da Educação, v. 17, n.3, p. 09-13, Setembro/Dezembro 2014.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência, 1850- 1920. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

WOLFF, Cristina Scheib. **Relações de gênero e violência nos seringais do Alto Juruá -Acre (1870-1945)**. Revista De Ciências Humanas. V 15. p. 97- 98. Florianópolis, 1997.

*Data de submissão: 01/04/2021*

*Data de aprovação: 29/05/2021*